



AB003

**P. LUIZ GARCIA
DE OLIVEIRA**

★ 18-08-1899
† 02-10-1992

**“Venha a nós
o vosso Reino”.**
(Mt 6,10)

O autor do *Eclesiástico*, ao falar dos antepassados, assim se expressou:
“Façamos o elogio desses homens ilustres que foram:

- os pais da nossa raça;
- os homens de misericórdia, cujas obras de caridade jamais serão esquecidas;
- cuja raça permaneceu fiel aos mandamentos;
- cuja descendência prosseguirá pelos séculos e sua glória se extinguirá;
- dos quais os povos narram a sabedoria e a assembléia proclama os louvores” (*Eclo* 44,1s).

O trecho é um hino de louvor aos Patriarcas do Antigo Testamento, focalizando seus feitos e sua geração natural na preparação da vinda do Messias. Com exatidão e justiça podemos aplicá-lo àqueles que generosamente dedicaram toda a sua vida na messe do Senhor.

Ao comunicarmos aos irmãos o falecimento do inesquecível

P. LUIZ GARCIA DE OLIVEIRA

sofremos a perda de um grande e extraordinário filho de Dom Bosco.

I— DADOS CRONOLÓGICOS

Nasceu no dia 18 de agosto de 1899, numa tradicional e influente família, em Batatais (SP). Era ainda menino de 10 anos quando sua mãe, D. Gabriela Alves de Oliveira veio a falecer. O pai, o Coronel Eduardo Garcia de Oliveira, foi por duas legislaturas Deputado Estadual em São Paulo. Luiz é o quinto filho de sete irmãos. Os dois irmãos menores seguiram também a vocação salesiana: Irmã Marianinha, F.M.A., que vive, fervorosa, na comunidade de S. Teresinha (S. Paulo); e o irmão caçula, Eduardo, que foi aspirante salesiano em Lavrinhas, mas veio a falecer em sua casa, com 18 anos de idade, após longa enfermidade, rico em fervor e virtude.

Os pais, cristãos convictos e sábios educadores, bem cedo o matricularam no Colégio São José, que os salesianos dirigiram naquela cidade por alguns anos. Muito sentiu o pequeno Luiz quando teve de comunicar em casa que o Colégio seria fechado e os seus amigos salesianos deixariam a cidade. Era Diretor da obra o P. Atílio Cosci, que estava sendo transferido, também como Diretor, para o Liceu N^a. Sr^a. Auxiliadora de Campinas. Intuindo os raros dotes de espírito e a semente vocacional do pequeno Luiz, o P. Atílio ofereceu ao pai uma bolsa de estudo para o menino como interno, em 1912, naquele colégio salesiano de Campinas. Em 1913 entra para o aspirantado de Cachoeira do Campo (MG). Em 1914 o aspirantado é transferido para Lavrinhas (SP). Nessa casa, em diferentes períodos, vai passar vinte e três anos de sua vida, como clérigo, assistente, professor, catequista e diretor. Em 1915/16 faz com muito zelo e responsabilidade o noviciado na cidade de Lorena, coroando-o com a primeira profissão na véspera da festa de S. Francisco de Sales, como era costume então, no ano de 1917. Os estudos filosóficos e a assistência os realiza em Lavrinhas, com muito êxito. Em 1922 parte para Turim, a fim de completar sua formação, no Estudantado da Crocetta. Em contato com mestres virtuosos e competentes adquiriu uma extraordinária formação salesiana e sacerdotal. Ordena-se sacerdote em 12 de julho de 1925, no Santuário de N^a. Sr^a. Auxiliadora de Turim, sendo ordenante Dom José Gamba, Arcebispo de Turim.

De volta ao Brasil inicia seu trabalho sacerdotal na casa de Lavrinhas, então Aspirantado, Noviciado e Estudantado Filosófico da Inspetoria de N^a. Sr^a. Auxiliadora. Expressivo é o testemunho do P. Fausto Santa Catarina, que o acompanhou por muitos anos: “Lembro-me de quando, em 1925, voltou a Lavrinhas, recém-ordenado em Turim. Sólida formação intelectual,

religiosa e sacerdotal transparecia de sua pessoa nas pregações, nas aulas, na convivência diária. Foi uma presença de luz no Aspirantado, onde todos aprenderam logo a querer-lhe bem. O Diretor, P. André Dell’Oca, profundo conhecedor dos homens, admirava, consultava, propunha como exemplo o professor de notável precisão e clareza, o salesiano de grande apego às coisas da Congregação”. Em 1936 e 1937 assume a direção do Instituto Teológico Pio XI, em São Paulo. A partir de 1938 inicia um serviço muito especial, como Mestre de noviços, ao qual vai se dedicar durante vinte e três anos, em diversos períodos.

A seguir o encontramos sucessivamente nas casas de formação da Inspetoria de São Paulo: novamente na Teologia (1941-1943, Diretor); em Pindamonhangaba, Noviciado (1945-1952, Mestre e Diretor); em Lavrinhas (1953-1955, Diretor); novamente em Pindamonhangaba (1956-1960, Diretor e Mestre); em Lorena, no Instituto de Pedagogia e Filosofia (1960, Diretor); em Lavrinhas, de novo (1961, Confessor); em Pindamonhangaba, outra vez (1962-1965, Diretor e Mestre). Passou o ano de 1944 em São José dos Campos, para restabelecimento de sua saúde. Em 1966 veio para a Casa Inspetorial em São Paulo, onde permaneceu até à morte. Desempenhou, então, a função de Vice-Inspetor, Confessor, membro do Conselho Inspetorial, cargo que deixou apenas em 1974. Em seu extenso currículo se deve notar ainda que durante muitos anos teve atuação sábia, prudente e amorosa como Secretário do Conselho Inspetorial, até 1989. Tal folha de serviços não parece compatível com a frágil saúde que o P. Garcia sempre apresentou. Porém, muito metódico e responsável, esta lhe mereceu cuidados, sem que jamais se pouasse ao trabalho.

Nos últimos anos começou a manifestar-se séria infecção renal, com um tumor maligno que progressivamente o levou à morte. Foi alvo sempre do carinho dos irmãos, dos médicos Dr. Luiz Brunetti e Dr. Paulo Gianotti, seus amigos, das enfermeiras, e especialmente das Irmãs da Congregação Nossa Senhora do Monte Calvário. Voltava periodicamente ao Hospital para o necessário tratamento. Mas seu estado foi lentamente se agravando, indicando o ocaso de uma extraordinária existência. Mais de uma vez recebeu a Unção dos Enfermos, pedia e recebia com piedade a bênção de Nossa Senhora Auxiliadora e, mesmo sem poder, queria rezar o Breviário. Sempre agradecia as visitas freqüentes do P. Inspetor, dos irmãos e familiares.

No dia 2 de outubro de 1992, serenamente, entregou ao Pai a consumação de sua consagração definitiva.

II— CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS

Oriundo de uma família tradicional, o quinto entre sete irmãos, o P. Luiz era dotado de um temperamento emotivo, muito sensível até, mas ao mesmo tempo vivo. Sua rara inteligência e natural bondade lhe asseguraram um desenvolvimento excepcional, dotando-o de uma personalidade humana muito rica. Embora de pouca saúde, com seu *modus vivendi* metódico e

regrado atingiu a bela idade de 93 anos, tendo completado 75 anos de profissão religiosa e 67 de sacerdócio.

Profundamente humano, acolhedor, atencioso com todos, amigo, simples, de educação finíssima, era a gentileza em pessoa. Alguém coberto de veludo, vai defini-lo Dom Hilário Moser, ex-Inspetor e Bispo Salesiano.

Homem prestativo, generoso, pronto a renunciar a tudo para agradar ao irmão. Pessoa organizadíssima nas idéias e nas coisas, fidelíssimo até nos detalhes, pontual, observante até o ponto final.

Inteligente, lúcido, memória invejável, o P. Garcia foi homem de vasta cultura. Pérola oculta que mereceria ter sido muito mais apreciada, não fosse a timidez e modéstia que o levaram a esconder-se sistematicamente.

“Foi um homem aberto. Passou da antiga severidade, fruto de uma época, para aquela sabedoria e compreensão tão condizentes com seu temperamento suave. Soube conservar o ‘antigo’ e acolher o ‘novo’, sem fechamentos estéreis, isento de radicalismos. Sofreu com as mudanças, sem tornar-se profeta de desventuras” (Dom Hilário Moser).

“Por revelar sempre grande respeito da pessoa humana, pelo trato simples, mas fidalgo — afirma ainda o P. Fausto Santa Catarina —, pela capacidade de ouvir, compreender, partilhar preocupações, foi depositário confiável de confidências sem conta, guardadas sempre com extrema reserva em seu coração. Sabia, então, oferecer na hora oportuna, quase a desculpar-se, a palavrinha serena, adequada, repassada de grande consideração, que tanto bem fez a tantos”. Quantos podem afirmar, como o fez Dom Bonifácio Piccinini, Arcebispo de Cuiabá: “Foi meu Mestre de noviciado; e desde aquele momento (1947) sempre foi meu confidente e guia espiritual”.

Seu relacionamento era impregnado de “amorevolezza” e cordialidade. Saudava a todos dizendo: “Bom-dia, neste dia de alegria...”. D. Irineu Danelon, Ex-Inspetor e hoje Bispo de Lins, comenta: “Hoje sentimos vontade de repetir: Bom-dia, P. Garcia, neste dia de alegria”. E acrescenta, evocando o salmista: “Era a sua maneira de viver o ‘Alegrai-vos sempre no Senhor’. Não obstante seus achaques, idade, preocupações, o P. Garcia aprendeu e viveu a proposta de Dom Bosco: Nós aqui fazemos consistir a santidade em estarmos sempre alegres”.

Era admirável em sua delicadeza com todos, mesmo com as pessoas que o maltratavam, ou com as coisas que não lhe agradavam. “Sempre conseguia valorizar os irmãos até nas poucas virtudes que por acaso tivessem”, diz o P. João Modesti. E acrescenta: “Sempre admirei sua delicadeza com os salesianos que visitassem a casa onde ele estava. Tratava-os como reis”.

Na sua humildade, conseguia esconder sua invulgar cultura. “Era um intelectual, sem a mínima aparência. Lia muito; lia sempre livros e artigos sérios, formativos nas múltiplas áreas de seu interesse, Bíblia, Teologia, Liturgia, História da Igreja, Espiritualidade, assuntos eclesiás, particularmente quando ligados à pessoa do Papa”, escreve o P. Joaquim Salvador. Graças à sua excepcional memória, “os autores clássicos e os doutores da Igreja estavam sempre presentes nas aulas e em conversas” (Prof. Napoleão Mendes de Almeida).

O P. Antônio Lages, eminente mestre da língua vernácula e há mais de quarenta anos na Faculdade Salesiana de Lorena (SP), ressalta com razão: “De cultura vasta e profunda, o P. Garcia foi orientador intelectual claro e seguro. Aprendi muito português com ele, quando o auxiliei na publicação de ‘O alcaide de Santarém’, conto de Alexandre Herculano. Aprendi italiano e português quando, com sua orientação, engatinhei nas primeiras traduções de literatura salesiana”.

Um irmão de comunidade, P. Manoel Isaú, sintetiza em versos alguns traços de sua humanidade:

“Fazia sempre perguntas/ Em sua conversação/ Pois esse era seu jeito/
De fazer comunicação./ Dizia ‘Bom apetite’/ No início da refeição./ Mostrava a cortesia/ Que vinha do coração/. As suas limitações/ Admitia com humildade/ Quem de nós não tem defeitos/ E precisa de piedade?/”.

III— SACERDOTE

A ordenação sacerdotal do P. Garcia marcou-lhe definitivamente a existência. Seu lema sacerdotal — ADVENIAT REGNUM TUUM — iluminou toda a sua atividade apostólica, definindo bem a orientação mística de sua vida. Criou uma sigla “ART”, que sempre encabeçava todos os seus escritos, cartas e mensagens, irradiando seu grande anseio evangelizador. Foi um homem de Deus. É o que transparecia continuamente em sua edificante e fidelíssima vida de oração. Celebrava a Santa Missa com grande e visível compenetração. Era comoventevê-lo recitar o Breviário, mesmo estando doente, “digne, attente ac devote”. Parecia imerso em Deus. Dom Irineu Danelon confirma: “Na pessoa do P. Garcia predominava a transparência de quem aprendeu a caminhar na presença de Deus, segundo diz o salmista: sabeis quando me deito e quando me levanto!” (Sl 138). E acrescenta: “Em longos anos de convivência com o P. Garcia nunca pude notar em suas palavras, gestos, atitudes algo que não fosse digno da presença de Deus”. “Em sua vida espiritual, afirma o P. Fausto Santa Catarina, seu discípulo, ecoaram sempre as palavras que em carta lhe escreveu o liturgista Vandeur por ocasião de sua ordenação sacerdotal: ‘O sacerdote vale quanto vale a sua missa’. Seria um exagero dizer que a vida do P. Garcia foi uma Missa?” Seu fervor transbordava também no zelo pela liturgia. “Catequista zeloso, discípulo do P. Vismara, amava a sagrada liturgia. Com criatividade, tornava lindas e piedosas as celebrações litúrgicas na velha capela do aspirantado”, conclui ainda o P. Fausto.

Amava a Igreja, o Santo Padre e os Bispos com amor contagiante. Acompanhava de perto seus passos e ensinamentos. Sofria com seus sofrimentos e alegrava-se com suas vitórias e avanços. Sempre acompanhava os estudos e progressos nas matérias teológicas e eclesiais. Nos anos em que viveu no Estudantado, como Diretor e Confessor, tinha prazer em indicar aos professores artigos novos de revista que ele já tinha lido. Por isso também

o P. João Modesti, seu ex-noviço, chega a afirmar: “Era o padre mais preparado que nós tínhamos, quer nas ciências profanas, quer nas ciências eclesiásticas e principalmente na salesianidade”.

Dentre tantas virtudes que coroavam seu sacerdócio destacamos a caridade. Muitas pessoas que conviveram longos anos com ele são unâimes em afirmar a maneira afável no trato, suas atenções com os irmãos e sobretudo com os hóspedes. O P. Júlio Comba ressalta: “Dele aprendi que é imoral falar mal de alguém, ainda que seja verdade, a não ser que se fale diretamente ao interessado ou a quem é responsável por ele”. “Nunca se ouviu o P. Garcia falar mal de alguém”, diz o P. José Motta, sintonizando com afirmações de muitos outros. Especialmente no ministério da Penitência sua caridade se desdobrava.

Um penitente testemunhou: “Recordo a maneira com que atendia as confissões. Nele transparecia a bondade e a misericórdia de Nosso Senhor: seu aspecto sereno, suas palavras mansas e fortes sabiam mover ao arrependimento e davam coragem para reencetar a caminhada no bem. Fazia ver que Nossa Senhora estava sempre com a gente”.

“Outro destaque, revelador de uma alma verdadeiramente cristã, foi sua grande capacidade de perdoar. Como de Jesus afirma S. Pedro (*IPd* 2,23) ‘injuriado não injuriava, maltratado não ameaçava’. Sofria, sim, e muito. Mas calava e rezava, ‘entregava-se àquele que julga com justiça’ e que o convidava, ao término da carreira, a percorrer mais perto dele o caminho da cruz” (P. Fausto Santa Catarina). Sua humildade fazia-o engolir coisas amargas, às vezes regadas por lágrimas. Nunca, porém, permitiu que seu sofrimento fosse transferido para terceiros. “Curtiu sozinho a dor, amparando-se na oração para suportá-la. Muito raramente se permitiu alguma palavra que denunciasse sua amargura” (D. Hilário Moser).

IV— SALESIANO

Na celebração eucarística do 7º dia de falecimento, D. Hilário Moser, ex-inspetor salesiano, sintetizou muito oportunamente a personalidade do P. Garcia dizendo que ele “conseguiu unificar sua vida em torno de Jesus Cristo e de Dom Bosco”. Ele era alguém determinado, bem integrado, sem divisões. Viveu a graça da unidade. Por isso, a dimensão salesiana o distinguiu, pela consciência, pela ciência e pela vivência. Formado na escola de eminentes mestres de salesianidade como o P. Rinaldi e Dom Lustosa, o P. Garcia assimilou desde cedo o projeto e o espírito de Dom Bosco. Seu amor ao fundador, sempre alimentado por seus contínuos estudos e curiosa leitura, o tornaram um grande conhecedor da história da Congregação e da Família Salesiana. Falava de Dom Bosco como quem lera e se apropriara dos 19 volumes das “Memórias Biográficas” e tudo o que foi escrito até hoje sobre Dom Bosco. Citava com freqüência e oportunidade os escritos do P. Rua, P. Rinaldi, P. Ricaldone. Memoráveis as suas poucas, mas sábias interven-

ções nos Capítulos Inspetoriais, para dirimir ou esclarecer questões em foco, fundamentando-as nas citações das Constituições, nos textos dos Capítulos Gerais, no mesmo pensamento de Dom Bosco. Parecia muito mais um oráculo do que simples intervenção. Porém, mais do que conhecer e amar, ele viveu intensamente o que acreditou e assumiu. Era para a Inspetoria uma “Regra Viva”, como se disse do P. Rua.

Do P. Rinaldi, com quem teve a felicidade de conviver, herdou a “paternidade salesiana”. Na companhia do P. Carlos Leôncio, cuja amizade tanto prezava, tornou-se um mestre do “amor educativo”. O Sistema Preventivo que estudava, praticava e ensinava aos seus noviços e formandos, foi sempre a marca de sua espiritualidade tipicamente salesiana. Por isso, a Eucaristia, a Reconciliação e Nossa Senhora Auxiliadora eram o “leitmotiv”, o eixo de sua piedade simples, pouco externa, mas interiorizada e intensa. Sua vida interior era como a daqueles primeiros salesianos, formados pelo mesmo Dom Bosco.

O terço de Nossa Senhora sempre foi a expressão de amor sincero a Cristo e a Maria Auxiliadora. Costumava dizer: não há problema espiritual ou mesmo material que não se resolva com a reza do santo terço. E o desfiaava muitas vezes, principalmente nos últimos anos em que a idade o afastara de atividades ordinárias. Mas o que mais impressionava no P. Garcia era vê-lo celebrar a missa diária, absorto no mistério, concentrado e recolhido no diálogo com o Pai, no Filho pelo Espírito Santo.

Ao completar esta faceta de sua pessoa é preciso ainda recordar o respeito que nutria para com os superiores. Como os reverenciava, como os amava, como os seguia! D. Vitório Pavanello, Arcebispo de Campo Grande (MS), que foi seu noviço e mais tarde tornou-se também Mestre, atesta: “O que mais admirava no P. Garcia, além de seu grande amor à Igreja, à liturgia, era o profundo e filial amor para com a Congregação Salesiana e respeito pelos Superiores. Lia tudo o que eles escreviam. Nunca o vi tecer críticas a respeito de sua atuação. Mesmo em horas difíceis de sacrifício e humilhação soube acatar com fé e humildade as determinações dos seus superiores”. O já citado P. Júlio Comba recorda uma afirmação dele: “As ordens dos superiores não se discutem; cumprem-se”. O P. Garcia, acima de tudo, amou a Congregação e a vida salesiana. Identificou-se com nosso Pai e Fundador. Foi sensível às riquezas das tradições salesianas, mas ao mesmo tempo aberto aos novos valores e desafios que acompanhavam os sinais dos tempos. Conseguiu realizar o ideal de todo salesiano: ele foi para os jovens um sinal transparente do amor de Deus. Foi homem de dever e de fidelidade. Bem por isso seus limites ficam apagados no mar de virtudes.

Para quantos o conhecemos mais de perto, o P. Garcia permanece como o homem, o religioso, o sacerdote que viveu com coerência e amor. Nisto se firma a estrutura de sua rara personalidade humana, salesiana e sacerdotal.

V— FORMADOR

O P. Eugênio Valentini, da UPS, afirmou, certa vez, referindo-se aos formadores: "...figuras maravilhosas que empregam toda a própria vida na formação de novas gerações, num trabalho humilde e escondido, por amor de Deus e das almas". Tal o conteúdo de um bilhete do P. Garcia ao P. Antonio Carlos Galhardo, que assumira a tarefa de Mestre dos noviços. Essa descrição define muito bem a principal atividade que ele exerceu na maior parte de sua vida. Durante quase vinte anos foi o Mestre de noviços desta Inspetoria de São Paulo, tendo sido também Diretor sucessivamente de todas as fases de formação, em algumas mais de uma vez, durante vinte e oito anos e meio. Todos quantos acompanhamos sua dedicação nesta delicada e extenuante tarefa somos testemunhas da seriedade e zelo com que desempenhou. O Arcebispo de Belo Horizonte, D. João Resende Costa nos escreveu: "... Eu estou entre os que mais benefícios receberam de seu exemplo e de seus ensinamentos, durante sete anos, em Lavrinhas. Também o Arcebispo de Cuiabá, D. Bonifácio Piccinini afirma: "Foi, realmente, um homem de Deus que viveu e plantou nas gerações de salesianos que formou, este programa de vida que é o 'Pai Nossa'... Isso transparecia de sua edificante e fidelíssima vida de oração... Estava presente no zelo e dedicação generosa pela formação autenticamente cristã e salesiana de seus dirigidos. O 'Padre Mestre', como muitos de nós continuávamos a chamá-lo, foi um notável mestre de espiritualidade e de vida salesiana e sacerdotal pela doutrina, que possuía em grau admirável, mas, sobretudo, pela sua vivência exemplar e perseverante". O já citado D. Irineu Danelon, Bispo de Lins, encontra no Salmo 77 a inspiração da atividade formadora do P. Garcia: "Nós o ouvimos e aprendemos, nossos pais nô-lo contaram; haveremos de narrá-lo a nossos filhos, nada ocultamos à geração futura. Ele ordenara a nossos pais que a seus filhos ensinassem, para que soubesse a nova geração...". O P. Garcia realizou exatamente isso: "alguém que teve sabedoria e paciência para transmitir às novas gerações os feitos gloriosos dos nossos antepassados e depositasse em Deus suas esperanças". E conclui: "O P. Garcia não foi apenas mestre, mas principalmente um guia e testemunha de Cristo". "Ele pôs a serviço de gerações de salesianos de várias inspetorias a precisão e a firmeza de sua vida e o fulgor de sua inteligência. Não construiu casas; forjou salesianos valorosos e autênticos", atesta o P. Jacy Cogo, Mestre de noviços em Barbacena (MG). De seus noviços se podem contar bem 12 inspetores, 7 bispos, 2 arcebispos e 1 membro do Conselho Geral da Congregação. Mas a raiz de toda a sua eficiência nessa missão tão delicada podemos encontrá-la nestas orientações dadas a um novo Diretor de uma casa de formação: "... Represente ao vivo Jesus entre os clérigos que Jesus lhe está confiando, falando-lhes, dando-lhes bom exemplo, sobretudo rezando por eles. Olhe para os clérigos com os olhos de Jesus, compreenda-os como Jesus os comprehende, aceitando-os como são, a matéria-prima sobre a qual você deve trabalhar. Ouça-os com os ouvidos de Jesus. Principalmente

ame-os como Jesus os ama, ame-os com o coração de Jesus” (carta ao P. A. C. Gallhardo, Diretor do Pós-noviciado).

CONCLUSÃO

“Em 12 de julho de 1936, o P. Garcia pregou um retiro aos estudantes de teologia de Santa Teresinha. Já as primeiras palavras retrataram-no por inteiro: ‘Houve um dia feliz em que Deus nos chamou à vida sacerdotal salesiana. Correspondemos ao chamado divino. É preciso agora ser fiel à vida a que fomos chamados’. O P. Garcia foi fiel. Armado de profundas convicções e coerência jamais desmentidas ao longo de bem vividos 93 anos pregou e viveu a fidelidade. Juntando equilíbrio e bom senso a grande piedade, foi salesiano exemplar, um grande na Inspetoria”, conclui o citado P. Fausto Santa Catarina. Hoje, passados mais de cinqüenta anos, testemunhamos todos sua exemplar fidelidade. Não é difícil perceber, por tudo o que tantos irmãos comprovaram e afirmaram, quão sentida foi para nós a passagem do P. Garcia para a casa do Pai. Nossa Inspetoria chora a partida do grande P. Garcia. Uma grande saudade. A Inspetoria ficou mais pobre sem ele. Apagou-se uma luz. Está mais frio agora. Mas ao mesmo tempo fica-nos a certeza de mais um valioso intercessor no céu. Em cada um de nós resta uma sentida saudade e enorme gratidão. Sua memória permanece entre nós apontando o ideal de fidelidade à nossa missão.

Queridos irmãos, mesmo na certeza de que o P. Garcia já está na casa do Pai, ousamos pedir-lhes a caridade de suas preces pelo seu descanso eterno, mas sobretudo por nós todos, seus irmãos e discípulos, a fim de, como ele, sermos fiéis na perseverança.

São Paulo, abril de 1993 - Páscoa da Ressurreição.

*P. Vicente Guedes — Diretor —
e Comunidade da Casa Inspetorial*

Depoimentos

O Padre Garcia conseguiu unificar a sua vida em torno de Jesus Cristo e de Dom Bosco. Eventuais limites tornaram-se irrelevantes perante a consistência deste fato. Seu modo de agir, marcado por minuciosa observância religiosa, foi sua maneira de expressar seu amor sincero a Cristo, a Maria Auxiliadora e a Dom Bosco. Creio que uma palavrinha resumiria tudo: “coração”. O Padre Garcia foi um grande coração, deixou-se mover por ele, transpirou bondade salesiana, foi realmente “sinal e portador do amor”.

D. Hilário Moser SDB, Bispo de Tubarão, SC

Uma figura humanamente rica. Sempre me impressionou muito sua delicadeza: as cartas respondidas prontamente, sempre com um recado salesiano ou eclesial; aquele agradecimento indefectível, com o fraterno estímulo, quando recebia o nosso teimoso jornalzinho... Os cumprimentos nas datas significativas... como ele era festivo, cordial e interessado quando a gente se encontrava! Um salesiano completo. Venero-o.

P. Antônio Lages

Sempre me animou em momentos difíceis para a minha vocação, máxime nestes últimos tempos. Dele poderíamos dizer o que S. Paulo falava: *gaudere cum gaudentibus et flere cum flentibus*. Como o P. Stringari ele se alegrava com qualquer coisa que um salesiano escrevia. Agradecia, fazia algumas delicadas observações e animava a prosseguir. Um grande salesiano e um grande sacerdote. Não sei se a Inspetoria ainda um dia terá um novo P. Garcia. P.S. No livro “Eles construíram” quando se fala do P. Atílio Cosci, pág. 62, fala-se de um rapaz que perdera a mãe e quis então ficar com os salesianos, máxime com o P. Atílio. Esse rapaz era o P. Garcia.

P. João Modesti

O P. Garcia foi um homem que sempre me impressionou, embora eu nunca o tenha tido como formador ou superior. Foi meu confessor no Pio XI e também na Inspetoria. A maior recordação que possuo é a da minha recepção em Lavrinhas, no dia 21 de fevereiro de 1955. Moleque saído da roça do Xarapá, botei calça comprida e fui levado para o aspirantado. Fui recebido pelo P. Garcia. Conduziu-me ao seu escritório. O senhor se recorda muito bem dele. Lá deu-me um “Jovem Instruído”. Não me recordo, até aquela época, de ter visto anteriormente uma máquina de escrever. O P. Garcia escreveu meu nome. Rebateu os tipos. Aquilo me impressionou. Colocou meu nome no livro e me entregou com palavras muito afetuosas. Ficou-me gravada na mente.

Outro elemento desta vida maravilhosa e profundamente divinizada foi o período da Lapa, quando, então, eu iniciava meu serviço de professor de Teologia. P. Garcia, com seu modo muito humilde, fruto de uma santidade conquistada, me informava: “meu caro, acabei de ler um artigo na revista tal. Penso que interessa para você”. Eu ia direto à revista. E o assunto batia com o que eu estava lecionando. Ao lado de uma grande fraternidade, esta sua atitude mostrava uma cultura atualizada e constantemente em busca. Tenho, também, profunda veneração pelo carinho que o P. Garcia dedicava a minha mãe. Já hospitalizado, na etapa que precedeu a morte, ele se recordou de mamãe e enviou lembranças a ela. São atitudes como esta, caríssimo P. Guedes, que enobrecem a vida de uma pessoa.

P. Geraldo Lopes, Teólogo e Missionário

P. Garcia foi um desses salesianos homens de Deus, que sempre sabiam o que queriam. Fez opção séria e definida pela espiritualidade salesiana. Pôs a serviço de gerações de salesianos a precisão e firmeza de sua vida e fulgor de sua inteligência... O P. Garcia é o memorial daqueles salesianos de primeira hora que mantiveram viva a chama do Espírito Salesiano, sem o qual a Congregação perde sua identidade.

P. Jacy Cogo, Mestre de Noviços, Barbacena

Foi o P. Garcia que me levou para Lavrinhas, em outubro de 1937; estava comigo o P. Fantin... Sempre tive para com ele um grande respeito e um amor filial. Ao sair do noviciado escrevi a ele que eu o amava mais do que a meu pai! ... Não me lembro ter ouvido dos lábios dele a mínima murmuração nem detração. (Detração, para ele, era falar mal de alguém, dizendo a verdade, mas não a quem de direito). Nunca ouvi dos lábios dele uma palavra menos decorosa... Felizes de nós, que fomos noviços do P. Garcia, que foi noviço de D. Lustosa, que foi noviço do P. Leão Muzzarelli, que foi noviço do Pe. Giulio Barberis, o qual nos liga diretamente a nosso querido Pai e Fundador. Assim o P. Garcia se referia a D. Bosco.

P. Júlio Comba, ex-Mestre de noviços

O que mais me impressionou na vida do Padre Garcia foi a sua missão de cultivar a vida religiosa, espiritual, a piedade salesiana. Em Lavrinhas, nos idos de 1917-1923 (naquele tempo chamavam-se os clérigos, hoje pós-noviços e tirocinantes, de "acólitos"). E ele era o principal auxiliar de um grande salesiano, do nosso Padre Diretor. Para a liturgia, para os assuntos de movimento religioso do Aspirantado, do Noviciado e da Filosofia, era o alter-ego daquele nosso Superior. Tão identificado com ele! Tão por ele estimado! Para elogiá-lo, agora, basta-me citar o nome desse admirável salesiano: P. Antonio de Almeida Lustosa - futuro Bispo e Arcebispo — até hoje um luminar dos salesianos do Brasil, cuja causa de beatificação acaba de ser introduzida na diocese de Fortaleza.

P. Iran Corrêa

Ele me acolheu em Lavrinhas em 1955 como Diretor do aspirantado e daí para frente eu sempre o tive como o Pai Espiritual. Deus me deu o P. Garcia como Diretor do aspirantado, Mestre de noviciado, Diretor por um ano na Filosofia, meu confessor no tirocínio e na Teologia. Pude usufruir de sua presença por inúmeros anos no Conselho Inspetorial e finalmente, na sua grande humildade foi meu secretário... O P. Garcia, homem de Deus sacerdote por excelência, transformou sua vida em louvor, servindo-se da missa diária, da reza do rosário e do brevíario. Rezou o brevíario até o último dia de sua vida. Com certeza, hoje, ele como Cristo, intercede por nós. Tive a sensação de ter convivido com um santo.

D. Irineu Danelon SDB, Bispo de Lins

Eu tenho para mim que no P. Garcia o espírito prevaleceu sobre a matéria e seu grande espírito de mortificação e controle dos sentidos lhe terão proporcionado uma pureza angelical. Entre os santos em carne e osso que conheci: P. João Pian, P. Rodolfo Komorek, P. José Quadrio e minha mãe, Ana Domingues Motta, posso gloriar-me de ter conhecido mais este, o P. Luiz Garcia de Oliveira.

Pe. José Motta

Perdi meu mestre, a cujo enterro e missa de 7º dia assisti com contínuo pensamento: vale a pena ter fé. Continuarei a tê-lo presente em minhas dúvidas e a perguntar-me: que diria agora o Padre Garcia?

Prof. Napoleão Mendes de Almeida

P. Luiz Garcia de Oliveira

Nasceu em Batatais (SP), Brasil, no dia 18 de agosto de 1899 e faleceu em São Paulo (SP) no dia 02 de outubro de 1992 aos 93 anos de idade, 75 de profissão religiosa e 67 anos de sacerdócio.